Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 332 - 349, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v16i31.10492

ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE PRESENTES NA NARRATIVA LITERÁRIA "O CONTINENTE" DE ÉRICO VERÍSSIMO

SPATIALITY AND TEMPORALITY PRESENT IN THE LITERARY NARRATIVE "THE CONTINENT" OF ÉRICO VERÍSSIMO

ESPACIALITE ET TEMPORALITÉ PRESENT DANS LE RÉCIT LITTÉRAIRE "O CONTINENTE" DE ÉRICO VERÍSSIMO

Ideni Terezinha Antonello - UEL

Jeani Delgado Paschoal Moura - Unicamp

RESUMO

Na contemporaneidade vive-se um momento crucial no debate científico em torno da interlocução entre os saberes na busca de mover as demarcações impostas pela ciência moderna ao conhecimento, fruto de um desenvolvimento técnico e científico que fomentou a valorização da especialização do saber em disciplinas. A presente reflexão, pautada em excertos da obra "O Continente", da trilogia "O Tempo e o Vento", de Érico Veríssimo, tem o intuito de buscar atravessar as fronteiras dos saberes ao apresentar como pressuposto da análise a possibilidade de diálogo entre a Geografia – espacialidade, a História - temporalidade e a Literatura - narrativa literária. Essa premissa alicerça-se na defesa da potencialidade da apreensão do tempo e do espaço presente na obra literária, pois o texto literário na sua qualidade de verossimilhança da realidade propicia ao olhar geográfico penetrar na dimensão espacial e capturar o contexto espaço-temporal abordado no texto narrativo.

Palavras-chave: espaço, tempo, literatura, interdisciplinaridade.

ABSTRACT

At the contemporary time, a crucial moment in the scientific debate is about the interlocution between the knowledge in the quest to move the demarcations imposed by modern science, the result of a technical and scientific development that fostered the appreciation of the specialization of knowing in disciplines. The present reflection, guided in excerpts from the work the continent, from the trilogy The time and Wind of Eric Van, the intention of seeking to traverse the borders of the knowing when presenting as the assumption of analysis the possibility of dialogue between geography – spatiality, History-temporality and literature-literary narrative. This premise is based on the defence of the potentiality of the seizure of the PO and the space present in the literary work, because the literary text in its quality of verisimilitude of reality promotes the geographic gaze penetrates the spatial dimension and capturing the space-temporal context addressed in the narrative text.

Keywords: space, time, literature, interdisciplinarity.

RÉSUMÉ

Pendant la contemporalité on vivant dans un moment crucial dans le débat scientifique sur le dialogue entre les connaissances dans la poursuite de déplacer les limites imposées par la connaissance de la science moderne, le résultat d'un développement technique et scientifique qui a favorisé l'appréciation de spécialisation des connaissances en disciplines. Cette réflexion, guidée dans des extraits de l'œuvre du Continent, la trilogie du Temps et du Vent, Érico Veríssimo, vise à rechercher franchir les frontières de la connaissance en présentant comme une analyse de l'hypothèse de la possibilité d'un dialogue: Géographie - la spatialité - L'histoire - temporalité et le Littérature - récit littéraire -. La ce principe repose sur la défense du potentiel de la saisie du temp e du espace present dans le récit littéraire, parce que le texte littéraire, en sa qualité de probabilité de la réalité, fournir pour le regard géographique pénétrer dans la dimension spatiale et capturer le contexte spatio-temporelle abordée dans le texte récit.

Mots-clés: espace, le temps, la littérature, interdisciplinaire

Introdução

"Num mundo a procura de si próprio, a geografia escapa aos geógrafos" (FREMONT, 1976, p. 257).

No debate científico contemporâneo vive-se um momento crucial de interlocução entre os saberes, na busca de mover demarcações impostas ao conhecimento, pela ciência moderna, fruto de um desenvolvimento técnico e científico que fomentou a valorização da especialização do saber em disciplinas. "Sob aquilo que se denominou o progresso da razão, o que se passava era o disciplinamento de saberes polimorfos e heterogêneos" (FOUCAULT, 2002, p.218).

A presente reflexão tem o intuito de atravessar as fronteiras dos saberes ao apresentar a possibilidade de diálogo entre a Geografia – espacialidade, a História - temporalidade e a Literatura – narrativa, pois, como os demais campos disciplinares, a ciência geográfica poderá superar as suas próprias limitações ao ultrapassar a divisão do trabalho científico com o escopo de obter o desbloqueio dos limites entre as disciplinas e alcançar a interdisciplinaridade. Essa premissa alicerça-se na defesa da potencialidade da apreensão do tempo e do espaço presente na obra literária pois, na qualidade de verossimilhança da realidade, o texto literário propicia ao olhar geográfico penetrar na dimensão espacial e capturar o contexto espaço-temporal abordado no texto narrativo. A narrativa literária transporta o leitor para a temporalidade, na qual se pauta o desenrolar do drama narrativo, possibilitando-lhe inserir-se no tempo e no espaço ali vivenciado, o que pode ampliar o conhecimento da cultura, da política e da economia de uma determinada sociedade, mediante o olhar sensível, pois como revela Saramago (2002), é possível derramar lágrimas sobre as páginas de um livro, mas não sobre um disco rígido.

Obras literárias brasileiras, de cunho regionalistas, são expressões da diversidade e riqueza das regiões brasileiras, o que se transfigura em potencial para o conhecimento da espacialidade e temporalidade presente na narrativa literária. O tempo e o espaço como dimensões indissociáveis e categorias estruturadoras do pensamento são imprescindíveis na compreensão dos processos humanos em sua concretude e totalidade.

O intuito deste artigo é discutir a fecundidade que se encontra no texto literário, o que é demonstrado por meio da apresentação de uma forma possível de se compreender a Trilogia de Érico Veríssimo, "O tempo e o Vento", mais especificamente os volumes I e II de "O Continente", que aborda a saga de uma família e seu enraizamento na região sul-rio-grandense. Assim, partindo de um exercício de interpretação espera-se promover um pensamento profícuo sobre o mundo da vida, quiçá provocar saltos qualitativos para um patamar mais elevado ao enclausurado conhecimento científico que delimita as fronteiras dos saberes.

Para atingir o intento dessas reflexões adotou-se como procedimento metodológico duas frentes de ação: 1) apresentação de um arcabouço teórico-metodológico sobre a temática em foco, envolvendo saberes que integram a Geografia, a História e a Literatura; 2) interpretação da obra literária à luz da análise documental, adentrando-se no tempo e espaço presente na narrativa de Érico Veríssimo para apreender a experiência vivida pelos personagens desta trama literária. O presente artigo está estruturado em dois eixos interligados. O primeiro discute a importância do diálogo entre os saberes para se caminhar para um conhecimento que se interpenetre com os demais na busca constante de se avançar como sociedade, parafraseando Boaventura (2010, p.53) "Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver". O segundo complementa o primeiro ao explorar a narrativa literária como potencialidade de aflorar o diálogo entre os saberes geográfico, histórico e literário.

Interlocução entre os Saberes: Espacialidade – Temporalidade – Narrativa Literária

A interlocução entre os saberes é necessária para se obter o desbloqueio dos limites que determinam o enclausurar do conhecimento disciplinar, demarcadas por fronteiras territoriais do saber especializado, fortificadas no próprio discurso interdisciplinar, uma vez que não ataca o território disciplinar, mas defende a sua preeminência. Nessa perspectiva que Morin (1982, p. 217, *apud* PETRAGLIA, 2001, p.74) coloca que: "Mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de se desmoronarem".

Para Morin (1982) a busca para mover as fronteiras entre as disciplinas não se vincula simplesmente a "colaboração e comunicação" entre os saberes, pois isso significa que cada qual se apresentará e defenderá o seu objeto de estudo, ou seja, o seu território que abrange uma especificidade e uma particularidade, essas últimas formam o material que ergue os muros da demarcação. Como afirma Boaventura (2010, p.46) "Sendo um conhecimento disciplinar, tende a ser um conhecimento disciplinado, isto é, segrega uma organização do saber orientada para policiar as fronteiras entre as disciplinas e reprimir os quiserem transpor". Essa reflexão de Boaventura remete as elucubrações de Adorno (2011) ao defender a premissa de que, ao se cultivar um conhecimento visando a emancipação da sociedade e do cientista, pode-se deparar com obstáculos levantados com a finalidade de manutenção da lógica da uma sociedade não emancipada, nas palavras de Adorno

> [...] porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação – evito de propósito a palavra 'educar' – é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico. (ADORNO, 2011, p. 185)

De tal modo, que o monólogo que perpassa o conhecimento científico não será superado a partir da mera colaboração entre as disciplinas, mas mediante um propósito que promova um salto para um patamar mais elevado do que o encerrar do saber em disciplinas. Fremont (1976, p. 262), em seu tempo, previa a necessidade de interlocução entre os pares, demonstrando caminhos para se lançar mão de uma Geografia renovada: "É uma nova geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e a arte e homens de letras a par da geografia. As especializações actuais progridem muito pouco neste sentido".

Essa análise se insere no pressuposto de que é possível estabelecer um diálogo entre os saberes mediante a narrativa literária tendo como foco duas categorias de análise, a saber: espacialidade e a temporalidade, as quais remetem o olhar geográfico e histórico sob a obra literária. Ademais, considera-se que estas categorias carregam em si, um caráter que extrapola os campos disciplinares, como salienta Martins,

> [...] os historiadores não têm no tempo o objeto da ciência da história. Podem até discutir as diferentes temporalidades. Mas, o tempo aí é adjetivo de processos, ou da sucessão de fatos, ou seja, a forma que os historiadores dizem o que é história. E, certamente, a história é muito mais que o tempo. Assim como *a história, não pertence e nem se restringe aos historiadores como fundamento da realidade*. Idem para a geografia. A geografia não pode ser exclusividade dos geógrafos. *Todo aquele que se ocupa em compreender diferentes realidades em diferentes dimensões terá necessariamente que considerar a história e a geografia*, não importando aqui se estamos falando de historiadores, sociólogos, antropólogos ou o que for. (MARTINS, 2016, p. 69, destaques acrescentados)

Pelo caráter transdisciplinar da dimensão espaço-temporal, poder-se-ia envolver outros olhares, mas não é o mote da presente reflexão. Ao se voltar para a obra literária pressupõe-se pensar nas espacialidades presentes em todas as dimensões temporais, como se pode vislumbrá-las nas seguintes palavras:

> O fato literário é histórico, isto é, acontece num *tempo* e num *espaço* determinados. Há nele elementos históricos [...]; e elementos estéticos, que constituem o seu núcleo, imprimindo-lhe ao mesmo tempo características peculiares, que o fazem distinto de todo outro fato da vida [...] (COUTINHO, 1966, apud IBGE, 2006, p. 14, destaques acrescentados).

A literatura permeia tempos de curta, média e longa durações, explicitam os fatos, acontecimentos e modos de ser social, expressando os contextos sócio-territoriais (culturais, econômicos, políticos, naturais), uma vez que o drama literário se encontra intrinsicamente envolto nesses contextos, o que permite adentrar no momento histórico do seu desenrolar, bem como apresenta os matizes do território, fornecendo ao leitor a possibilidade de se transportar para as questões concernentes a configuração territorial e para as diversas identidades socioculturais que formaram territorialidades no espaço nacional, já que "A produção literária, independente de sua condição enquanto obra de arte, frequentemente é portadora daquele caráter geográfico [...], na medida em que constrói uma espacialidade muito expressiva" (KIMURA, 2002, p.132).

Nessa perspectiva, a Figura 1 apresenta uma proposta de análise por meio das duas categorias em foco pelo olhar geográfico e histórico sobre o texto literário, indicando que é possível apreender a produção do espaço permeada pelo contexto político, econômico e cultural e pela relação de produção de uma sociedade. O processo histórico dessa produção espacial se materializa nas condições de existência de uma sociedade. Nesse sentido, compactua-se com Peraldo (2016, p.11) ao afirmar que "Time and space have always been intrinsically linked to fictional texts: they help define what is called "the setting" of a story". Por meio de escavações imaginárias, as narrativas fictícias se apresentam em forma de crônicas, contos, romances e tantos outros meios que dão vida à história e à geografia de homens e mulheres de outros tempos e outros espaços. Ao explorar os lugares em seus diferentes tempos históricos as narrativas encarnam uma série de coisas capazes de aguçar diferentes percepções e enlevar o pensamento a níveis que beiram a sensação de sentir-se naquele lugar distinto, como se o cheiro, a brisa, o som, a poeira, as formas, os objetos e as pessoas pudessem se presentificar na leitura da palavra. Portanto, a essência do texto literário é conduzir o leitor para uma "verdade" aproximada pela relação de verossimilhança entre realidade e ficção, cujos saberes, lembranças, emoções e diferentes sensações poderão ser afloradas.



Figura 1- *O olhar geográfico sobre o texto literário*
Fonte: *Antonello (2005).*

O texto literário cria as condições de apreender a produção do território no que diz respeito a compreensão das relações sócio-territoriais tanto no plano do pensamento objetivo/racional como no plano da subjetividade.

No plano objetivo, salienta-se a relação intrínseca da obra literária com o mundo real, uma vez que as diferentes modalidades de expressão artística refletem o seu tempo e espaço como elucida Adorno (1973, p.70): "Como algo meramente feito, fabricado, as obras de arte, também as literárias, são regras de orientação para a *práxis* a que se furtam: a fabricação da vida propriamente dita". A "fabricação da vida" permite a narrativa literária ser verossímil de uma espacialidade e temporalidade específica, tendo em vista a sua natureza fictícia, já que é uma reelaboração da realidade. A narrativa literária conduz o leitor para a temporalidade que se pauta o desenvolver da trama literária proporcionando-lhe adentrar no tempo e espaço vivenciado e, por conseguinte, aclarando o seu conhecimento da cultura, da política, da economia e da sociedade. "[...] Le potentiel heuristique et épistémologique des conceptions de l'imaginaire qui en font un médiateur privilégié pour réfléchir aux rapports complexes entre un sujet-écrivain et ses lieux, entre culture et territoire, entre savoir géographique et connaissance littéraire" (BROSSEAU, 2014, p. 420).

No plano subjetivo, o pressuposto de Molina (2007) é que as grandes obras literárias podem influenciar nas representações sociais, a partir de dois postulados. O primeiro pauta-se na particularidade de que a representação literária permeia entre a representação individual e social, assim "La représentation littéraire se caractériserait donc par une faculté transpersonnelle" (MOLINA, 2007, p.292), tal fenômeno atrela-se ao segundo postulado que é a capacidade de transmissão da representação literária no tempo, portanto, "La représentation littéraire semble em effet présenter um fort potentiael transhistorique" (MOLINA, 2007, p.292). Esses dois postulados sustentam a premissa do autor da eficácia do discurso literário em se tornar um mecanismo para explorar e condicionar as representações sociais, isto é, "Le pouvoir d'influence littéraire apparaît donc particulièrement efficient sur les représentations sociales" (MOLINA, 2007, p.292). A questão que emerge desses pressupostos é a preocupação sobre a forma que será utilizada a obra literária, ou seja, que tipo de representação social se quer influenciar?

Em uma tentativa de responder tal questão, permeando os dois planos (objetivo e subjetivo), as narrativas contemplam uma temática a ser desenrolada em assuntos passíveis de serem abordados no enredo, dando pistas para se refletir sobre o desfecho e a mensagem que o narrador busca passar em suas mais diversas matizes e possibilidades de interpretação, pois esta assume um viés próprio dependendo das diferentes experiências de leitura-mundo de seus interlocutores, a qual precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989).

Nesse sentido, pondera-se a necessidade de se pensar na defesa adorniana de que o valor das obras de arte pode extrapolar o poder de controle da "indústria cultural", e proporcionar um avanço intelectual, político e cultural da sociedade, na busca da "emancipação social" mediante a criticidade que o poder da leitura e do conhecimento pode fomentar no âmbito individual e social. Os postulados levantados por Molina (2007) demonstram a potencialidade das obras literárias em desenvolver o papel de conscientização social e formação do indivíduo crítico.

Destarte, a interlocução entre os saberes tendo como amálgama a narrativa literária poderá produzir as condições essenciais para frutificar o diálogo entre as disciplinas e elevar o conhecimento em direção a transdisciplinariedade. Em Fremont (1976, p. 97-98) a literatura é compreendida como uma fonte documental essencial para estudos de caráter geográfico e histórico, "A literatura constitui uma área de investigação de grande qualidade. Um romance situa muitas vezes um grupo, herói, família, categoria social, no seu meio regional". Assim, sem demarcar a direção, se defende a potencialidade da narrativa literária para se atingir o diálogo entre os saberes por meio da interlocução entre a Geografia, a História e a Literatura. No próximo tópico tecer-se-á uma reflexão pautada na experiência de leitura da obra de Érico Veríssimo no intuito de demonstrar o potencial do diálogo entre os diferentes saberes.

Espacialidade e Temporalidade na Narrativa Literária de Érico Veríssimo

As obras de literatura regionalista são expressões da diversidade e riqueza das regiões brasileiras, o que se transfigura no potencial dessas obras para o conhecimento da espacialidade e temporalidade presente na narrativa literária, bem como a possibilidade de transpor as fronteiras do conhecimento, no momento que a narrativa literária regionalista, mesclando geografia, história, ficção e cultura, proporciona o conhecimento do processo histórico de ocupação e produção do espaço regional tendo como foco o espaço vivido pelos personagens da obra. "A região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é, pois, procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens" (FREMONT, 1976, p. 17).

Nesse sentido, busca-se adentrar na obra do escritor brasileiro Érico Veríssimo para trazer à luz a temporalidade e espacialidade presente na sua narrativa, particularmente se debruçará na obra "O Tempo e o Vento", considerada a principal obra do autor. Érico Veríssimo (1905-1975) nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul e faz parte da geração de escritores da segunda fase do Modernismo no Brasil, dos anos de 1930, em que se passou a valorizar, nas narrativas literárias, os problemas sociais, com forte crítica às relações homem-sociedade e à realidade econômica brasileira da época. Nesta trilogia, composta por três romances, "O Continente" (1949), "O Retrato" (1951) e "O Arquipélago" (1962), o escritor apresenta lampejos da história do Brasil, desde o período colonial até a República, com uma visão abrangente do passado histórico do Rio Grande do Sul/RS, localizado na Região Sul do Brasil (Figura 2). A trilogia narra a história das famílias: Terra, Cambará, Caré e Amaral ao longo de dois séculos, no período entre 1745 e 1945. A partir do olhar destas famílias, mediante o drama de seu povo e suas gerações na experiência vivida, o texto literário possibilita "[...] uma viagem mental e afetiva para dentro do mundo relatado e sendo, como é, uma deliberada imitação da vida, traz em si como que um mapa da experiência diária que os homens e mulheres temos tido, em cada parte do mundo, na época que nos coube conhecer" (FISCHER, 2006, p.14).

Como base na proposta expressa na Figura 1, essa época permite apreender via a narrativa literária os movimentos migratórios e etnias que participaram na construção do Rio Grande do Sul, criando uma identidade territorial personificada na figura do gaúcho e cristalizada em uma espacialidade com os matizes dessa identidade.

O pampa, também conhecido como a Região da Campanha Gaúcha, está localizado ao sul do Rio Grande do Sul (RS) cuja espacialidade não se configura apenas como 'palco dos acontecimentos', mas, sobretudo como expressão de protagonismo na obra de Veríssimo, com o destaque para o séculos XIX e XX (Figura 2).

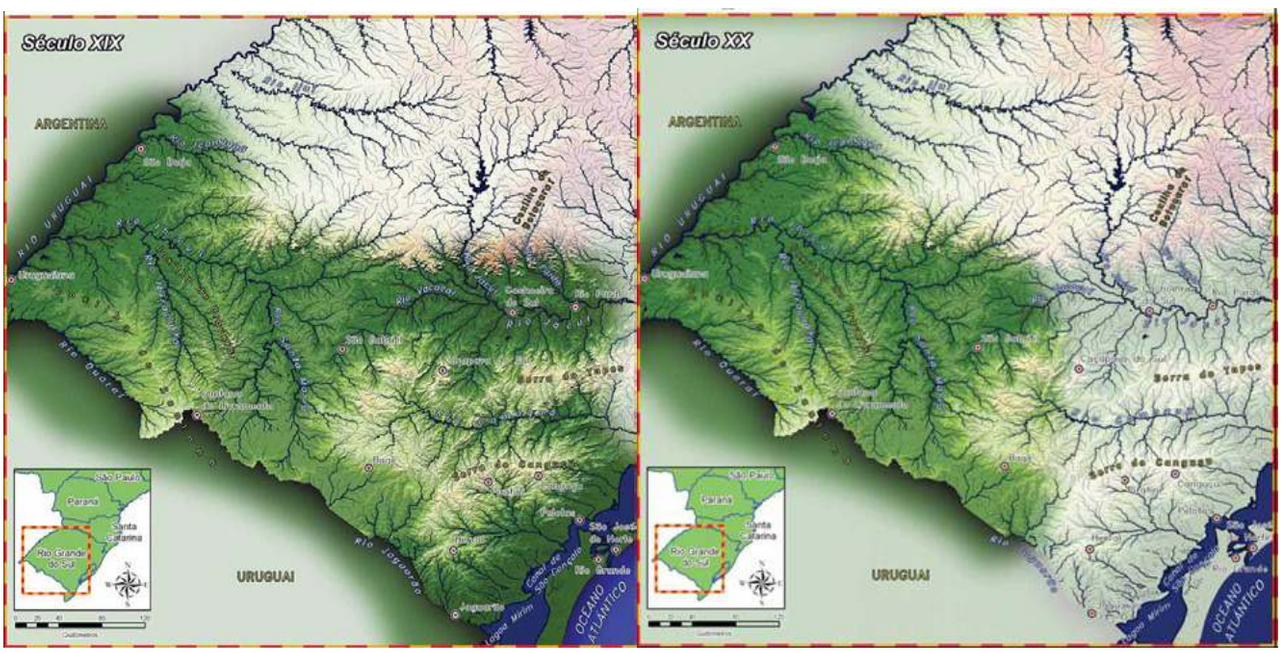

Figura 2 – *Região da Campanha Gaúcha/RS (século XIX – XX)*
Fonte: *IBGE (2006, p.42-43)*

A mancha verde escura representa a Região da Campanha Gaúcha, com a sua abrangência alterada ao longo do processo de ocupação do RS, tendo em vista o conhecimento da totalidade do território.

Ao adentrar na temporalidade da referida obra é possível, ao leitor, observar os conflitos e confrontos (Revolução Farroupilha -1835/45, Guerra do Paraguai -1864-70, Guerra Civil -1893/95 e a Revolução Federalista de 1923) que foram as matrizes da delimitação da fronteira sul brasileira e como esses assinalaram a participação do Rio Grande do Sul no contexto político nacional.

Em relação a espacialidade da Campanha Gaúcha, que traz a marca das etnias que produziram um espaço peculiar criando uma identidade territorial, corresponde à "região cultural 1" identificada por Brum Neto e Bezzi (2008) pela regionalização do estado do Rio Grande do Sul em quatro regiões culturais, conforme a base da herança cultural considerando a ligação entre a descendência e a cultura-códigos-identidade (Figura 3). A "região cultural 1" foi particularizada tendo em vista a presença das etnias nativa, portuguesa, espanhola, africana e açoriana. Portanto, "[...] o gaúcho típico que caracteriza a região cultural 1 apresenta traços particulares, oriundos dos povos que o formou e se distingue dos demais através da apropriação da gastronomia nativa, com o churrasco e a infusão de erva-mate e água quente que originou o chimarrão" (BRUM NETO; BEZZI, 2008, p.142).

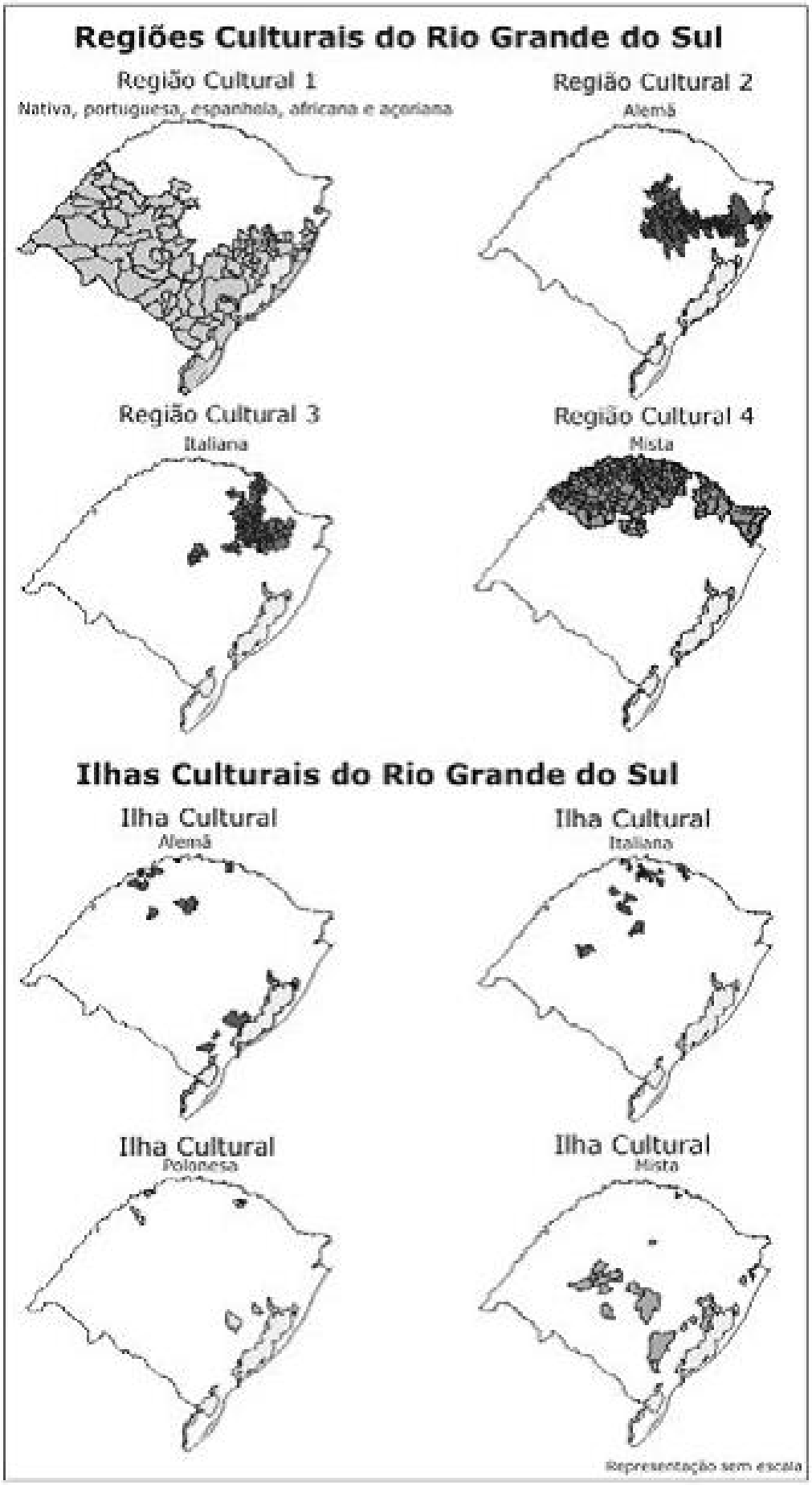

Figura 3 – *Regiões Culturais do RS*
Fonte: *Brum Neto; Bezzi (2008, p.143)*

Ao se contrapor as figuras 2 e 3 observa-se a espacialidade da Campanha e a identificação da região cultural 1, demonstrando o entrelaçamento entre os elementos naturais e culturais, alicerçando a identidade territorial do pampa, tecida pelos personagens presentes na trama literária de Veríssimo: índios (nativos), paulistas, mercenários das diversas guerras, negros escravos (africanos) e imigrantes portugueses e espanhóis. Como aduz Brum Neto e Bezzi (2008, p.145):

> Pode-se dizer que o gaúcho reconhece as suas origens nessa região, onde se formou a matriz cultural que o originou, atrelada a tradições que se mantiveram ao longo do seu processo evolutivo socioespacial. A identidade cultural dessa porção do território riograndense, delineou-se em virtude da atividade campeira e dos códigos culturais que se desenvolveram mediante a fusão dos costumes das etnias que a compõem.

Essa identidade territorial talhada pelas etnias que produziram esse espaço, ao mesmo tempo, foram forjadas por esse território que se metamorfoseou na cultura de ser gaúcho. Esse ser gaúcho tem suas raízes no metabolismo entre o homem e a natureza, na corporeidade colocada em prática no dia a dia do trabalho no campo. Como descreve Veríssimo, mediante as elucubrações do personagem Winter (médico alemão residente em Santa Fé),

> A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos. Lidar com potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas – eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito. [...] Tratava-se positivamente duma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha (VERÍSSIMO, 1967, p. 362-364).

Observa-se o olhar de estranhamento do migrante alemão, perante a realidade vivida no pampa gaúcho, exatamente o que o autor da narrativa literária quer fazer aflorar, o choque entre culturas, tal como os próprios santa-fezenses percebiam os migrantes (alemães) que estavam chegando com a criação da colônia – Nova Pomerânia. A visão de Winter é marcada pela sua memória telúrica dos camponeses da Baviera, contudo, o gaúcho é forjado nas condições geográficas e políticas do Continente de São Pedro, especificamente a região dos jesuítas (Figura 2, origem de Pedro – missioneiro), ainda com seus limites indefinidos, começando a sua ocupação pelas etnias (Figura 3), caso da família Terra, proveniente de Sorocaba – SP, para começar nova vida na estância, próxima ao povoado de Rio Pardo. Essas etnias que irão disputar esse território com a sua população nativa (indígena) e com os espanhóis.

As lutas constantes marcavam a lembrança de Ana Terra, não necessariamente o tempo do calendário, pois na estância ninguém sabia ler, não tinham relógio, as horas, os dias, meses eram vividos e percebidos pela temporalidade assinalada pelos elementos da natureza, "[...] viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano". Mas um fato, afetou a sua vida para sempre, "Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem, porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente" (VERÍSSIMO, 1967, p.73). Além de ser um dia de vento forte, como Ana dizia: "sempre que acontece um fato importante está ventando", o vento eterno companheiro de Ana lhe trouxera Pedro, o missioneiro. Neste dia, ela o encontrou na sanga onde lavava a roupa da família e, em suas memórias: "Quando um novo inverno chegou e o minuano começou a soprar, ela o recebeu como a um velho amigo resmungão que gemendo cruzava por seu rancho sem parar e seguia campo fora. Ana Terra estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia" (VERÍSSIMO, 1967, p.151).

Esses elementos da natureza que permeiam o espaço vivido desta população criou raízes e fez florescer uma identidade territorial específica, mesclada aos costumes arraigados nas relações sociais de produção que proviam a sobrevivência, trabalho no campo (pecuária, charqueadas), o churrasco e o mate (proveniente dos índios), elementos que não apreenderam a essência desta identidade e não absorveram os elementos da natureza, uma vez que

o vento "velho amigo" de Ana, causou em Winter um sentimento contrário: "O vento, que ele tanto detestava, o enervante vento que às vezes o fazia praguejar, amaldiçoando aquela terra e aquele clima" (VERÍSSIMO, 1967, p.428).

Nessa relação intrínseca, o pressuposto da "região como espaço vivido" (FREMONT, 1976) possibilita compreender como se processa o sentimento dos homens ao pertencer a uma determinada região, isto é, "[...] sentimento que emana do interior e do íntimo das pessoas" (LENCIONE, 1999, p.154). Esse sentimento de pertencimento fortalece a identidade regional como elucida Bezzi:

> Não há dúvida de que o mundo é uma 'colcha de retalhos', cujos tecidos (regiões) a serem 'costurados' apresentam rugosidades diferentes. Assim, os 'laços e laçadas' que são dados podem ser visíveis ou invisíveis, reais ou imaginários, mas possuem características próprias, que, embora enlaçadas a outras, guardam sua identidade, sua particularidade, sua personalidade. (BEZZI, 2002, p.17)

Essa espacialidade marcada pela identidade regional tecida na temporalidade da obra de Veríssimo é o foco desta reflexão, todavia, em vista do limite que se impõe em um artigo, essa contextualização permeará os volumes I e II de O Continente, que trata da conquista de São Pedro pelos gaúchos e, como observou Zilbermam (1998), apresenta-se como uma obra acabada, e não como uma história inconclusa. O volume I, que se desenrola entre os anos de 1750 a 1836 e 1895, é composto por "A fonte", "Ana Terra" e "Um Certo Capitão Rodrigo". O volume II, narrado entre os anos de 1850 a 1895, é dividido em três episódios, "A Teinaguá", "A Guerra" e "Ismália Caré", em continuação à saga das famílias Terra-Cambará. Estes episódios são intercalados com excertos de outra narrativa "O Sobrado" que reúne a saga fictícia da família Terra-Cambará, porém mantendo o caráter de verossimilhança com a história, num misto de contrapontos, dualidades e interações entre fatos e mitos fundadores do RS (Quadro 1).

Episódios	Principais personagens	Local dos acontecimentos	Principais acontecimentos
A Fonte	• Padre Alonzo (jesuíta espanhol), índia grávida do jovem mestiço, Pedro Missioneiro (nascimento e infância).	Região das Missões Missão jesuítica "Sete Povos das Missões".	• Guerra missioneira. • Disputa da região por portugueses e espanhóis (tomada pelos portugueses).
Ana Terra	• Família Terra (Maneco Terra, Henriqueta e seus dois filhos e uma filha, Ana Terra). • Pedro Missioneiro. • Pedro Terra.	Estância da família Terra.	• Ataque dos espanhóis na estância. • Ocupação do território por paulistas. • Formação da propriedade dos Amarais. • Romance entre Pedro Missioneiro e Ana Terra. • Nascimento de Pedro Terra.
Um Certo Capitão Rodrigo	• Ana Terra e seu filho Pedro Terra. Família Amaral (Ricardo Amaral/ Bento Amaral). • Capitão Rodrigo Cambará. • Bibiana Terra (filha de Pedro Terra). • Padre Lara e Juvenal Terra.	Povoado de Santa Fé	• União das famílias Terra e Cambará. • Guerras Cisplatinas. • Chegada de alemães. • Guerra dos Farrapos. • Chegada do Capitão Rodrigo e romance com Bibiana. • Morte do Capitão Rodrigo.
A Teinaguá	• Dr. Carl Winter. • Bolívar Cambará (filho de Bibiana/ Capitão Rodrigo). • Luzia (neta de Aguinaldo Silva). Licurgo Cambará (filho de Bolívar e Luzia).	Povoado de Santa Fé	• Novos conflitos com os países do Prata (Guerra contra Rosas). • Construção do Sobrado nas terras que pertenciam a Pedro Terra. • Conflitos entre Bolívar e os Amarais.
A Guerra	• Bibiana Terra. Luzia. Licurgo Cambará.	Povoado de Santa Fé	• Guerra do Paraguai.
Ismália Caré	• Bibiana Terra. Luzia. Licurgo Cambará. Toríbio Rezende.	Cidade de Santa Fé	• Campanhas abolicionista e • republicana. • Novos conflitos com os Amarais. Noivado e Festa. • Ascensão de Júlio de Castilhos na vida pública.
O Sobrado	• Licurgo Cambará.	Cidade de Santa Fé	• Revolução Federalista de 1895. • Cerco do Sobrado e vitória dos Cambarás sobre os Amarais. • Vitória dos republicanos e castilhistas.

Quadro 1 - Síntese dos volumes I e II de O Continente (Érico Veríssimo)
Fonte: Veríssimo (1967); Zilberman (1998). Adaptado por Antonello; Moura (2019).

A família Terra, descendente de bandeirantes originários de São Paulo, vivia em uma estância (propriedade rural) no isolamento na vastidão da Campanha (Figura 2), território conquistado com muito trabalho, tal fato remetia as lembranças do chefe da família Maneco Terra ao seu progenitor, ao fixar o olhar no horizonte:

> Pensou no pai, que passara metade da vida a viajar entre São Paulo e o Rio Grande de São Pedro, sempre às voltas com tropas de mulas, que vendia na feira de Sorocaba. Uma vez o Velho ficara dois anos ausente; correra até o boato de que ele havia sido assassinado pelos índios tapes. Um belo dia, porém, Juca Terra reapareceu trazendo na guaiaca muitas onças de ouro e a carta de sesmarias dumas terras lá do Continente que ele dizia ficarem nas redondezas dum tal Rio Botucaraí. (VERÍSSIMO, 1967, p.92)

As terras eram obtidas por meio da carta de sesmarias, uma vez que a temporalidade é marcada pela colonização do Brasil, bem como as relações sociais de produção, a escravatura. Esse contexto histórico delineava a constituição socioeconômica da sociedade sul-rio-grandense, bem como o poder dos estancieiros na região, que marcava a estratificação social dos incluídos e excluídos no sistema colonial, esse fenômeno é retratado por Veríssimo, da seguinte forma:

> Maneco recordava sua última visita a Porto Alegre onde fora comprar ferramentas, pouco antes de vir estabelecer-se ali na estância. [...] Lá só valia quem tinha um título, um posto militar ou então quem vestia batina. Esses viviam à tripa forra. O resto. O povinho, andava mal de barriga, de roupa e de tudo. Era verdade que havia alguns açorianos que estavam enriquecendo com o trigo. Esses prosperavam, compravam escravos, pediam e conseguiam mais sesmarias e de pequenos lavradores iam se transformando em grandes estancieiros. Mas o governador não entregava as cartas de sesmaria assim sem mais aquela [...] Se um homem sem eira nem beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é para quem tem dinheiro, para quem pode plantar, colher, ter escravos, povoar os campos. (VERÍSSIMO, 1967, p.93-94).

A sociedade estava delimitada entre os homens livres, mesclado de diferentes etnias e com possibilidade de impetrar terras e escravos de origem africana, além dos índios que eram submetidos ao trabalho escravo. Na prática social de produção campeira, que predominava a base econômica, a relação de classe era mantida mediante a hierarquia social (proprietário, escravo, trabalhador livre – peão), contudo se diluía no cotidiano, como demonstra a visão do Padre Lara "O trabalho das estâncias como que nivelava o patrão ao peão e ao escravo. Muitas vezes o estanceiro saía a camperear ombro a ombro com aqueles numa faina igualizadora que oferecia certos perigos, pois criava o risco de negros e caboclos quererem gozar das mesmas prerrogativas que seus senhores" (VERÍSSIMO, 1967, p. 221).

Essa concepção do representante da igreja católica expressa a preocupação na manutenção da ordem predeterminada pelos princípios que norteavam as convecções religiosas, uma vez que uma relação direta entre membros de classes sociais diferentes poderia fomentar uma insubmissão às regras da sociedade, que segundo o personagem tinha uma hierarquia nítida – nobreza, clero e povo – apropriado para o processo de evangelização, entretanto, essa rigidez social se aflouxava no interior da Província.

Na mescla de etnias presentes nesta época, Ana Terra (filha de Maneco Terra) se apaixonou por um mameluco, Pedro Missioneiro, esse foi ajudado e curado pela família Terra, ao chegar ferido na sua propriedade, como relatado, encontrado por Ana Terra, na "sanga", em um daqueles dias de ventania, o qual murmurava nos ouvidos de Ana uma mudança na sua trajetória de vida. Aos poucos Pedro Missioneiro foi ganhando confiança e se incorporando à família, cativando a todos com a sua educação, inclusive Ana Terra, cujo relacionamento nascera Pedro Terra, fruto metafórico da terra fecundada para a germinação da linhagem dos cambarás. Fato que levara Ana a ser desprezada pelo pai e irmãos e Pedro Missioneiro a ser assassinado pelos mesmos em defesa da "honra" da família.

A trajetória de vida de Ana Terra é alterada por outra tragédia, o ataque de mercenários à propriedade de sua família, no qual seu pai, seu irmão e dois escravos foram mortos e ela sofre abuso sexual, assim descrito: "[...] veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por

fim perdeu os sentidos" (VERÍSSIMO, 1967, p. 122). A cena evidencia as mazelas de uma sociedade machista revelando a inferioridade e submissão feminina no tecido social. Contudo, na fluência dos acontecimentos narrados, a cunhada de Ana Terra e as crianças são poupadas de tamanha violência ao se esconderem no momento da invasão da propriedade. Como matriarca do clã, Ana Terra após enterrar os cadáveres, abandona o rancho isolado, o que simboliza a decadência da família Terra como proprietária rural. Ana segue viagem iniciando a sua saga rumo ao povoado que está germinando, Santa Fé, a cidade-símbolo do início do Rio Grande do Sul (AZEVEDO, 2001).

> E assim Ana Terra viu ir ficando para trás a estância do pai. Por algum tempo avistou as ruínas do rancho, as quatro cruzes perto dele e, mais longe, no alto de outra coxilha, a sepultura da mãe e a do irmão mais moço... [...] E assim cortaram campos, atravessaram banhados, passaram rios a vau. E vieram chuvas e tempestades. Aquela viagem parecia não ter mais fim. Uma tarde avistaram a serra. Três dias depois a subida começou. [...] Uma tarde avistaram um rio. – O Jacuí. [...] Três dias depois chegavam ao alto duma coxilha verde onde se erguiam uns cinco ranchos de taipa cobertos de santa-fé. [...] Aquele grupamento de ranchos ficava à beira duma estrada antiga, por onde em outros tempos passavam os índios missioneiros que os jesuítas mandavam buscar erva-mate em Botucaraí. [...] Ana Terra começou a ouvir falar no Cel. Ricardo Amaral, dono dos campos em derredor, senhor de dezenas de léguas de sesmaria e muitos milhares de cabeças de gado, além duma charqueada e de vastas lavouras. (VERÍSSIMO, 1967, p.132-133)

Perante o agrupamento de ranchos cobertos do capim santa-fé, a metáfora da natureza presente da designação do lugar, propiciou uma impressão de desolação em Ana Terra, na voz de sua personagem: "– Toda essa trabalheira louca só para chegar nesta tapera?" Mas, ao mesmo tempo, representava a perspectiva de erigir o "chão" de seu futuro, principalmente, o alicerce territorial que marcará a caminho da geração da família Terra, personificada no seu filho Pedro Terra, posteriormente, Terra-Cambará. Na luta para se consolidar neste território Ana tem que se submeter às relações de poder, as quais reluzem na postura do Coronel Amaral ao desenhar nas suas terras uma "cartografia do poder", a narrativa literária a descreve da seguinte forma:

> Ficou sob a figueira grande, à frente dos ranchos, e os poucos habitantes do lugar vieram cerca-lo – as mulheres de olhos baixos e os homens de chapéu na mão. Ricardo Amaral não apeou. De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores dos ranchos. Marciano Bezerra aproveitou uma pausa e disse: - Coronel, esta é a moça que falei para vossa mercê. Apontou desajeitadamente para Ana, que segurava a mão do filho.
>
> – Ah! – Fez o estancieiro, baixando os olhos. – Vai ficar morando aqui?
>
> – Se vossa mercê dá licença – respondeu Ana.
>
> – Não há nenhuma dúvida. Precisamos de gente.
>
> (VERÍSSIMO, 1967, 136-137)

O símbolo, a grande Figueira, que não sucumbirá a lógica do traçado xadrez da futura cidade (Figura 4), será incorporada no espaço concebido da praça central. Desde o início do povoado representava a metáfora do espaço público e do poder do Senhor do lugar – que se postava sob a mesma sem apear do cavalo, uma forma de expressão que o poder se exerce e se expressa na prática social e espacial, criando uma "cartografia do poder".

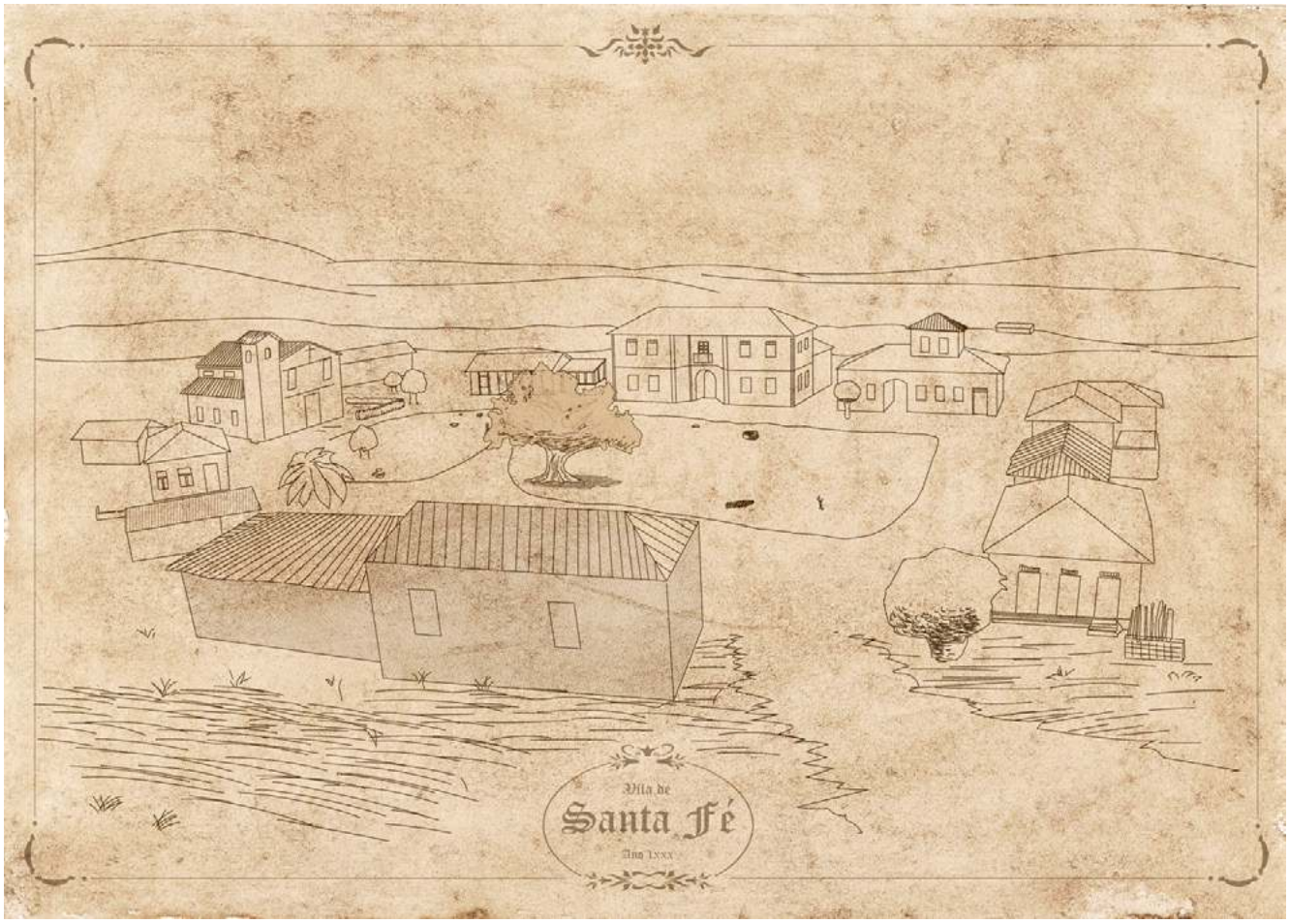

Figura 4 – *Organização espacial do Povoado de Santa Fé*
Criação: *Antonello (2019). Elaboração: Alan Alves Alievi (2019).*

Nessa "cartografia do poder" o caminho de Ana Terra, será traçado mediante a sua função na prática social da organização espacial de Santa Fé como parteira, que ajudara a dar à luz aos habitantes de Santa Fé, juntamente com o seu filho que participou ativamente da expansão deste povoado. Importante ressaltar a figura da personagem Ana Terra, matriarca transmissora da tradição familiar, da fertilidade e de suas raízes, aspectos que espelham as suas geograficidades e a essência da sua relação com a terra (DARDEL, 2011).

A trajetória desta família remete ao espaço em transformação da vida social (cultural, econômica, política e da natureza do RS) que se define na concretude do espaço, portanto, o entrelaçamento entre a narrativa literária e o espaço, expressa a rede tecida por pontos e nós: vidas, culturas, práticas sociais, hábitos e costumes, relações de poder, condições econômicas e guerras, que irão produzir a organização do espaço social cristalizada no povoado de Santa Fé, no qual se desenrola o fenômeno urbano que traduzirá a escala geográfica da proximidade, do distante, do cotidiano e do disperso, parafraseando Peraldo (2016, p.1) "Space gradually occupying all space […]".

A organização do espaço do Povoado de Santa Fé, representado na Figura 5, demonstra a lógica da produção do espaço urbano seguindo o padrão geométrico – com a praça central – e os símbolos do poder no seu entorno, igreja, prefeitura, além do sobrado da família Amaral ("Cel. Ricardo Amaral, dono dos campos em derredor"), sobressai um elemento da natureza "a grande figueira", que manterá sua centralidade na praça na passagem do tempo das gerações santa-fezenses, uma vez que o espaço comum onde se localizava a figueira personificava o uso coletivo, representava as qualidades sensíveis do espaço que passa a ser controlado pela imposição da hierarquia urbana, como diz Lefebvre (2006, p.214) "A construção da cidade prepara e determina a ocupação do território, sua reorganização sob a autoridade administrativa e política do poder urbano [...]. O plano se faz à régua e ao

cordão (muito regular) a partir da Plaza Mayor. O quadriculado se estende indefinidamente, fixando a cada lote (quadrado ou retangular)". Essa concepção do espaço de Santa Fé pode ser observado na narrativa verissiana:

> Cada rua do povoado devia ter sessenta palmos craveiros de largura e cada morador ia receber um lote de cinquenta palmos contados na frente da rua e duzentos palmos de fundo, devendo dentro do prazo de seis meses requerer título legitimo aos senhores do governo. (VERISSIMO, 1967, p. 148)

A determinação do Maj. Amaral (filho do Cel. Amaral) ao conceber o quadro espacial do povoado, demonstra o poder concretizado no ordenamento do território, o qual "[...] mandou fazer uma planta da povoação por um agrimensor muito habilidoso que viera do Rio Pardo. Queria uma praça, no centro da qual ficava a figueira, três ruas de norte a sul e quatro transversais de leste a oeste. Meses depois mandou começar a construção da capela com madeira dos matos próximos" (VERISSIMO, 1967, p.148). Deste espaço padronizado se instaura a desigualdade, já que "[...] a produção de um espaço social pelo poder político: por uma violência com objetivo econômico. Um tal espaço social se gera a partir de uma forma racionalizada teorizada, que serve de instrumento e que permite violentar um espaço existente" (LEFEBVRE, 2006, p.215). Nos mecanismos de ordenamento de organização espacial transparece o modo/procedimento de como o poder se materializa no espaço. No sentido que é por meio dos mecanismos coercitivos que se fundamenta o controle da produção espacial.

A transformação de espaço ocorre ao longo do tempo, que marca a temporalidade e a espacialidade: lugar (agrupamento de ranchos); povoado; Vila a Cidade Santa Fé, em cada qual Erico Veríssimo retrata a matriz da sociedade e do espaço rio-grandense e, como ocorre a penetração de novos valores via a sedimentação da vida urbana e o adentrar de novas tecnologias, políticas e ideologias.

Santa Fé como cidade mantém os símbolos de sua identidade territorial: o sobrado, igreja, a praça (Figueira), mas adentra os novos elementos do desenvolvimento urbano, como a periferização da pobreza, via a presença de Barro Preto, do Purgatório e Sibéria (que fará parte da trama literária da parte II – O Retrato). A ascensão à cidade foi comemorada no editorial do jornal local: "Amanhã, 24 de junho de 1884, será um dia assinalado na História de nossa idolatrada terra. Santa Fé comemorará festivamente sua elevação à categoria de cidade. Aleluia! Aleluia!" (VERISSIMO, 1967, p. 560). Na voz do vigário Santa Fé se torna personagem: "– Santa Fé, que era menina – agora se faz moça. E nós, que a amamos e nos envaidecemos dela, apresentamo-la ao mundo e exclamamos: 'Vede como cresceu a nossa menina, como se fez graciosa e bela!" (VERISSIMO, 1967, p. 580).

É no transcurso das gerações que o espaço original – o pequeno povoado, será submetido a transformações marcadas pela régua e compasso da visão de um espaço concebido que atinge e subverte a essência do espaço percebido e vivido, com a elevação à Cidade de Santa Fé, que se faz presente como personagem central da trama de Veríssimo. A região, onde se localizava Santa Fé passa a ser o ponto de convergência, no tempo e no espaço, onde são narrados muitos fatos sobre a continuidade da saga da família Terra e as demais famílias que adentram na existência dos "Terra".

O processo de enraizamento se deu, de um lado, com os Amaral e, de outro, com os Terra-Cambará, cujas rivalidades expressam as lutas políticas e as disputas pelo poder local/regional, além dos aspectos culturais, econômicos, sociais que marcaram a formação da identidade territorial sul-rio-grandense. Nesse contexto, a temporalidade e espacialidade expressa na narrativa literária transpôs o tempo e se sedimentou no território riograndense fomentando um sentimento de pertencimento que extrapola a espacialidade pampeana, pois os habitantes desta região:

> [...] consolidaram os laços estabelecidos com a figura do gaúcho típico, acarretando mudança nas concepções a respeito do trabalhador rural que se originou nas estâncias para a criação de gado, pois os seus costumes transpuseram a lacuna que separa a vida no campo e na cidade, tornando as tradições gaúchas um "modo de ser" que caracteriza um grupo social, independente do meio em que se vive. Demonstra, principalmente, a valorização dos costumes e tradições que tornam essa porção do espaço riograndense singular. (BRUM NETO; BEZZI, 2008, p. 11)

Importante lembrar que há um campo de significações em torno do sentido de ser gaúcho, com produção de uma imagem estereotipada da figura do gaúcho típico, engendrando uma personalidade com características folclóricas e destemidas. Tendo como protagonista esse gaúcho típico, a paisagem de Santa Fé vai se alterando com a passagem do tempo, deixando marcas impostas em cada geração. De tradição patriarcal e interesses pessoais, o povoado cede lugar a uma cidade com traços visíveis da modernidade, de representatividade estatal e de luta por interesses coletivos, frutos da sociedade urbana nascente e do enfraquecimento da tradicional vocação agrária brasileira.

A passagem de gerações de homens e mulheres que lutaram pela conquista de territórios ao longo dos volumes da trilogia de Érico Veríssimo, compõe uma belíssima narrativa literária com proposições reflexivas acerca de realidades geográficas e de fontes historiográficas captadas pelo romancista, pois a literatura possibilita reinventar a história e "[...] descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço...mas, nesse concerto, onde é que se encontram a geografia [a história] e a região, senão na utopia?...entre céu e terra, não é ela também, para viver ou para melhor viver, uma utopia? (FREMONT, 1976, p. 262-263). As palavras de Fremont expressam o potencial e a riqueza do discurso literário para florescer uma perspectiva de adentrar no espaço vivido mediante as narrativas da experiência sensível dos personagens da trama, na busca de penetrar o olhar geográfico e histórico e resgatar a espacialidade e temporalidade presente na obra e dar um salto para penetrar nas fronteiras dos conhecimentos.

Esse caminhar tem como orientação as palavras do poeta gaúcho Mário Quintana (1997, p. 36), na poesia, "Das utopias", "Se as coisas são inatingíveis ...ora! Não é motivo para não querê-las [...] Que tristes os caminhos, se não fora... A presença distante das estrelas"! A luz que erradia do poeta, fortalece o pressuposto que alicerçou esta reflexão, qual seja, a necessidade de diálogo entre os saberes mediante o desbloqueamento dos limites do conhecimento em disciplinas para se obter a transdisciplinaridade (MORIN, 2007). Por conseguinte, credita-se que a obra literária pode viabilizar esse caminhar na busca da união dos saberes como alternativa na direção de se pensar em mecanismos para se superar a disciplinaridade e atingir a transdisciplinariedade. Por meio do discurso ficcional, na obra de Érico Veríssimo, foi possível imaginar/pensar a sociedade daquele momento e conhecer as formas de experiência humana e de suas relações sócio-territoriais, como defende Rosenberg, "Avec des faits imaginaires, l'artiste retranscrit le vrai, rend la géographie intelligible. La géographie, c'est-à-dire une dimension de la géographie: le savoir pratique des hommes relatif à l'espace, leur expérience réfléchie de l'espace" (ROSENBERG, 2007, p.273).

A literatura expressa a experiência vivida das personagens que se desdobra em um imaginário geográfico visível, ao se construir uma visão reveladora das percepções ambientais e dos valores de uma cultura no cerne de uma região, no caso a Campanha Gaúcha. Essa visão reveladora é fecunda na expressão espaço-temporal para discutir, refletir e compreender a realidade verossímil posta pelo olhar da arte literária.

Considerações Finais

É importante ressaltar que o ciclo da trilogia e, mais especificamente o Continente, pode ser lido sob diferentes óticas ou pontos de vista, permitindo que cada leitor construa em seu imaginário, a sua própria narrativa acerca da sociedade sul-rio-grandense representada e contextualizada de forma ficcional e, ao mesmo tempo, verídica, situada em um determinado espaço-tempo. Essa trilogia ganha visibilidade como obra literária regionalista brasileira, uma vez que possibilita explorar a interlocução entre os saberes e penetrar no espaço vivido da região, vivificada pela narrativa literária.

Considera-se que a narrativa literária proporciona adentrar-se em um espaço (espacialidade) e tempo (temporalidade) particulares mediante a sensibilidade da obra de arte que abre a possiblidade de penetrar no espaço vivido dos personagens da trama e perscrutar a dinâmica da produção social do espaço, a qual remete as metamorfoses deste espaço na constante luta própria da contradição entre o espaço concebido e o espaço vivido. Uma vez que se compactua com o pressuposto de Rosemberg que "Je dirai que pour moi la littérature est la forme artistique d'une géographie expérimentale" (ROSEMBERG, 2007, p. 273).

O olhar geográfico pode focalizar essa "geografia experimental" para apreender a geografia da experiência que se concretiza no espaço vivido e está viva na obra o Tempo e Vento que permite trilhar roteiros e entranhar-se na narrativa literária para fazer aflorar as transformações do espaço social nas diferentes temporalidades trabalhadas na narrativa literária. Narrativa que carrega em si uma composição de sentidos e abre caminhos para se transgredir os limites rígidos da ciência e avançar para a interlocução de saberes, visto que nenhum campo do conhecimento consegue conter a totalidade das realidades geográficas.

Referências

ADORNO, T.W. **Notas de literatura**. RJ: Tempo Brasileiro, 1973.

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. 6ª reimp., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus.** 36ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ANTONELLO, I. T. O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**,** 1, 2005, Londrina. **Anais** ... Londrina: LPUR/ EU, 2005 (CD – ROM).

ANTONELLO, I. T. As territorialidades amazônicas reluzem na narrativa literária de Peregrino Júnior. In: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. (Org.). **Geografia e literatura***:* ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Klick Editora,1997. (Coleção Ler é Aprender)

AZEVEDO, Gilmar de. **Na Pele da Imagem:** o mito do gaúcho em O Tempo e o Vento. Passo Fundo: UPF, Editora Universitária, 2001.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**, Rio Claro, vol.27, nº 1, p.5-21, abril 2002.

BOAVENTURA, SANTOS de S. **Um discurso sobre as ciências.** 16ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

BROSSEAU, Marc. Postface. In: DUPUY, Lionel; PUYO, Jean-Yves (éd.). **L'imaginaire géographique**. Entre géographie, langue et littérature. Pau : Presses de l'université de Pau et des pays de l'Adour, 2014. p. 417- 421.

BRUM NETO, H; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n. 2, p.135-155, dez. 2008.

DARDEL, E. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DONATO, Hernani. **Filhos do Destino.** História do café e do imigrante em São Paulo. 2ed. SP: Edições Melhoramentos, 1950.

FISCHER, L. A. Região, outro centro. In: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Geografia. **Atlas das representações literárias de regiões brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. p. 9-14.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e introdução de Roberto Machado, 8ed., RJ: Graal, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler***:* em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREMONT, A. **A Região, Espaço Vivido**. Paris: Presses Universitaires de France; Coimbra: Almedina, 1976.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Geografia. **Atlas das representações literárias de regiões brasileira.** IBGE, - Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

KIMURA, S. Caminhos geográficos traçados na literatura, uma leitura didática. **Revista Geografia & Ensino**, Belo Horizonte, ano 8, nº 1, p.131-139, 2002.

LECIONE, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

MARTINS, E.R. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? **GEOgraphia** - Ano. 18 - Nº37, p. 61-79, 2016.

MORIN, E. **Science avec conscience**. Paris: Éditions Fayard, 1982.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.

MOLINA, G. L'influence de la littétature sur le représentations de la ville. L'exemple de la "ville tentaculaire" ou l'instrumentalisation politique d'une matrice poétique. **Bulletin de ÉL'Association de Géographes Français**, Paris, 84ª année, p.287-303, 2007.

PERALDO, E (Edited). **Literature and Geography**: The Writing of Space throughout History. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2016.

PEREGRINO JÚNIOR. **Sombra e luz na Amazônia**. São Paulo: Clube do Livro, 1975.

PETRAGLIA, I.C. **Edgar Morin**. A educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, C. O da Cunha. **Nas terras do rio sem dono.** 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

PELLEGRINI, D. **Terra Vermelha**. São Paulo: Geração Editorial, 1998.

QUINTANA, M. **Rua dos Cataventos & Outros Poemas**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 31 ed., RJ: Livraria José Oliympio Editora, 1982.

REVERBEL, Carlos. **O Gaúcho**: Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio do Prata. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1986.

ROSA, J. G. **Grande Sertão***:* Veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

ROSEMBERG, M. Les Pratiques citadines d'un héros de roman policier. BAGF, **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, 84 année, 2007-3 p. 261-273.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Companhia das Letras. 24º reimp, 2002.

VERISSÍMO, É. **O tempo e o Vento**. Porto Alegre: Editora Globo, 1967. (Obra completa)

VERISSÍMO, É. **O Continente.** Tomo I, II. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.

ZILBERMAN, R. O Tempo e o Vento: História, Mito, Literatura. In: LEENHARD, J.P.; JATAHY, S. (org.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária.** Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1998. p. 63-89.

Notas de fim

1. Por exemplo: Rego (1982), Peregrino Júnior (1975), Donato (1950), Pereira (1990), Azevedo (1997), Amado (1978), Pellegrini (1998), Rosa (1956), Veríssimo (1967), entre tantos outros. Esclarece-se que estas referências das obras dos respectivos autores não correspondem à totalidade do conjunto de suas obras.
2. O termo gaúcho se refere ao indivíduo dedicado as atividades pastoris do RS, Argentina e Uruguai, tendo como o seu ambiente natural o pampa, diferenciando-se pelo vestuário, alimentação, cultura, destacando-se o costume de tomar o chimarrão. Reverbel (1986), um dos maiores estudiosos da cultura gaúcha, afirma que o gaúcho primitivo tem origem na mestiçagem entre portugueses, espanhóis e indígenas. No continente de São Pedro havia o que ele designou como três tipos de gaúchos - o argentino, o uruguaio e o sul-rio-grandense – os quais são a expressão do social, cultural e histórico da região do pampa.
3. Pedro (filho de uma índia e um vicentista, a índia abandonada morre no parto) advém das Missões, as quais se constituíam em vilas /aldeamentos indígenas fundadas pelos jesuítas espanhóis, século VXII, com o intuito de catequizar os índios. No total foram sete Missões (Sete Povos das Missões), localizados na Região Noroeste do RS, denominadas pelos jesuítas de Reduções, o que significava "redirecionar" (reductio) as populações nativas ao cristianismo.
4. A cidade cenográfica de Santa Fé, construída em 2012 para a filmagem da novela "O Tempo e o Vento", está localizada no Parque do Gaúcho, em Bagé/RS, em uma área de 10 mil metros quadrados. Baseada na obra em estudo, esta cidade fictícia é composta por 17 construções típicas do século XIX, incluindo a igreja, o sobrado, uma figueira no centro da praça, casas de chão batido e telhado de palha. Com arquitetura que assume contornos de realidade e se presentifica em aspectos típicos do povoado narrado por Érico Veríssimo, a cidade se mantém, atualmente, como ponto turístico da Região da Campanha. Fonte: G1 - Cidade cenográfica de Santa Fé, em Bagé, sofre com ação do tempo - Rio Grande do Sul, 13/04/2013. Disponível em: http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/cidade-cenografica-de-santa-fe-em-bage-sofre-com-acao-do-tempo.html
5. Segundo Lefebvre (2006, p.215) "O espaço geométrico na América Latina permite a extorsão, a pilhagem, em proveito da acumulação na Europa Ocidental, pelas malhas da rede se vai longe a riqueza produzida".